

Diretora

Isabel Capelo Gil

Diretores-adjuntos

Alexandra Lopes, Nelson Ribeiro, Rita Figueiras

Editor

José Alfaro

Conselho Editorial

Ana Gabriela Macedo (Universidade do Minho), Andreas Huyssen (Columbia University), Aníbal Alves (Universidade do Minho), Ansgar Nünning (Justus-Liebig-Universität Giessen), Arjun Appadurai (New York University), Barbie Zelizer (Annenberg School for Communication, University of Pennsylvania), Christiane Schönfeld (Mary Immaculate College, University of Limerick), Elisabeth Bronfen (Universität Zürich), Estrela Serrano (CIMJ), Gabriele Brandstetter (Freie Universität Berlin), Gustavo Cardoso (ISCTE), Horácio Araújo (Universidade Católica Portuguesa), Isabel Ferin (Universidade de Coimbra), José Augusto Mourão (Universidade Nova de Lisboa), José Miguel Sardica (Universidade Católica Portuguesa), José Paquete de Oliveira (ISCTE), Manuel Pinto (Universidade do Minho), Marcial Murciano (Universitat Autònoma de Barcelona), Maria Augusta Babo (Universidade Nova de Lisboa), Maria Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Mário Jorge Torres (Universidade de Lisboa), Mário Mesquita (FLAD), Michael Schudson (Journalism School, Columbia University), Michel Walrave (Universiteit Antwerpen), Peter Hanenberg (Universidade Católica Portuguesa), Roberto Carneiro (Universidade Católica Portuguesa), Rogério Santos (Universidade Católica Portuguesa), Slavko Splichal (Univerza v Ljubljani)

Conselho de Redação

Ana Maria Costa Lopes, Carla Ganito, Carlos Capucho, Catarina Duff Burnay, Fernando Ilharco, Patrícia Dias, Verónica Policarpo

Arbitragem

Ana Gabriela Macedo, Ana Margarida Abrantes, Aníbal Alves, Carla Ganito, Carlos Capucho, Catarina Duff Burnay, Fernando Ilharco, Isabel Ferin, João Ferreira Duarte, Jorge Fazenda Lourenço, José Miguel Sardica, José Paquete de Oliveira, Manuel Pinto, Maria Alexandra Lopes, Maria Augusta Babo, Maria Luísa Leal de Faria, Mário Jorge Torres, Nelson Ribeiro, Rita Figueiras, Roberto Carneiro, Rogério Santos

Coordenação deste número

Jorge Vaz de Carvalho

Revisão

Marta Olias (português) | Jane Duarte (inglês)

Secretariado

Sónia Pereira

Edição

Com uma periodicidade semestral, *Comunicação & Cultura* é uma revista do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa), editada por BonD – Books on Demand. Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto: PEst-OE/ELT/UI0126/2011.

Artigos e recensões

A revista *Comunicação & Cultura* aceita propostas de artigos para publicação que se enquadrem na área das Ciências da Comunicação e da Cultura. Todos os elementos relativos a essas colaborações – normas de apresentação de artigos, temas dos próximos números, princípios gerais de candidaturas, contactos e datas – devem ser consultados no final desta publicação.

Assinatura anual

Custo para Portugal e Espanha: 20 euros. Para outros países, contactar a editora. Os pedidos de assinatura devem ser dirigidos a: bond@bond.com.pt | www.comunicacaoecultura.com.pt

Impressão: Cafilesa | Depósito legal: 258549/07 | ISSN: 1646-4877

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange.

Arte e Poder

Índice

EDITORIAL	
Arte e poder	9
JORGE VAZ DE CARVALHO	

dossier	13
----------------------	----

Dispositivos visuais do universo narrativo	15
ALAIN MONTANDON	

Este artigo analisa a interação entre visualidade e escrita, procurando entender a função narrativa de elementos visuais (pictóricos). Centrando-se em obras literárias dos séculos XIX e XX que mostram como o dispositivo intersemiótico – o jogo com a intersemioticidade – cria uma narrativa específica (exs.: Hoffmann, Balzac, Maupassant, Kafka, Eichendorff, Poe), este estudo tem como principal finalidade investigar a presença da imagem no texto e o seu papel na construção da trama diegética. O objeto visual (da pintura à fotografia, não esquecendo porém a tapeçaria) é apresentado como elemento que não se dá apenas a ver mas também a contar e reviver, funcionando portanto como motor central da narrativa, como importante gerador e organizador de texto.

Palavras-chave: Narrativa, Imagem, Representação, Repetição, Descrição, Moldura

O que pode a arte quando o desastre acontece? artE de pOrtas abErtas:
biopolítica e transgressão nas margens do Funchal..... 37

ANA SALGUEIRO MARTINS

Analisando representações mediáticas e artísticas do desastre de 20 de fevereiro de 2010 ocorrido na Madeira, questionaremos as implicações da imagem deste desastre na narrativa do Funchal. Objeto de sucessivas intervenções biopolíticas, a Zona Velha desta cidade, em 2010, continuava a ser vista como espaço *marginal* a requalificar, de modo a não colocar em causa a segurança da urbe e em especial a imagem turística da *ilha-jardim*, que desde o século XIX sustentou a economia da ilha.

No rescaldo do desastre, a Zona Velha será objeto de um conjunto de intervenções artísticas, integradas, pelo poder político e económico, no plano de requalificação dessa área. Assim, verificaremos até que ponto a arte contribuiu para o resultado desse plano biopolítico e em que medida o projeto *artE de pOrtas abErtas* tem tentado reinscrever, na memória cultural da cidade, as vozes/imagens da *margem*, onde se incluem as dos desastres naturais na ilha.

Palavras-chave: Arte pública, Desastres naturais, Funchal, Biopolítica, Memória cultural

The multiple meanings of the critical news images
depicted in the corpus of *Le Monde Diplomatique*..... 57

KOSTAS THEOLOGOU & ANASTASIA VENETI

A dimensão visual é um elemento-chave na construção cultural da vida política, económica, cultural e social nas sociedades ocidentais contemporâneas. As pessoas procuram compreender a realidade política e cultural através de diversas representações visuais. Nesse sentido, este artigo procura analisar a complexa relação entre o material visual, como a arte, a fotografia, a computação gráfica e mapas, e artigos noticiosos de pendor crítico. O nosso estudo de caso é a publicação mensal de orientação política *Le Monde Diplomatique*. O artigo fundamenta-se nas abordagens teóricas da área da Cultura Visual.

Palavras-chave: Notícias, Arte, *Le Monde Diplomatique*, Cultura visual, Significado

Freedom and torture: the new architecture of domination and refusal.
The aesthetics of refusal and architectural atavism 73

ERIKA BIDDLE

Desde 1963 que os artistas Shusaku Arakawa e Madeline Gins têm procurado conceber um corpo tornado imortal através da redefinição da experiência habitual da arquitetura. O seu projeto para «reverter o destino»

implica uma recomposição afetiva das formas sociais através de exercícios cognitivos, sensitivos, perceptuais e de treino proprioceptivo, associando o corpo e a arquitetura, e tem conquistado elogios da parte de artistas, críticos e teóricos atraídos pela sua ambição de transformar os hábitos que retiram a vida à própria vida. Este ensaio argumenta que muito do fascínio do seu projeto reside ao nível da linguagem e não da prática. Embora a sua retórica prometa novos caminhos para a liberdade, a sua produção permanece confinada ao objeto e à habitação sintética da família nuclear. Contrariamente à visão difundida de que o trabalho de Arakawa e Gins é lúdico e horizontal, encontra-se subjacente a esta aparência de prazer uma política de força, que procura esculpir o seu ideal no corpo através da imposição espetacular da arquitetura sobre o hábito.

Palavras-chave: Arquitetura, Arte conceptual, Transumanismo, Hábito, Estética da recusa, Fetichismo do objeto

Criatividade Gótica: o contrapoder das trevas 89

MARIA ANTÓNIA LIMA

O poder dos artistas sempre teve o seu espaço expressivo limitado por outros poderes, aos quais tem reagido por processos transgressivos. No caso da Criatividade Gótica, pode dizer-se que esta sempre estimulou expansões imaginativas, apresentando-se como um contrapoder comparativamente associado a certas ruturas da modernidade e das vanguardas. Em *Love, Mystery and Misery*, Coral Ann Howells sublinha o ímpeto antirracional do Gótico, caracterizando-o como um género híbrido com energias transgressivas. O seu poder em reagir contra o mal do poder, através de representações do poder do mal e das trevas, tem por intenção revelar o que permanece reprimido, invisível ou indizível, rompendo as máscaras das aparências instituídas. Em *The Gothic – Documents of Contemporary Art*, Gilda Williams observa: «Gothic remains non-, anti- and counter by definition, always asserting that the conventional values of life and enlightenment are actually less instructive than darkness and death.»

Palavras-chave: Arte, Gótico, Criatividade, Trevas, Contrapoder, Transgressão, Poder

Quem És Tu?, de João Botelho.

Contaminação de imagens e produção de sentido(s) 103

MÁRIO AVELAR

Este ensaio propõe uma reflexão em torno da presença da pintura em *Quem És Tu?*, o filme de João Botelho sobre *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett. Ao longo destas páginas convoca-se a memória da elaboração teórica suscitada em torno do debate sobre as artes do espaço e do tempo, de modo a melhor compreender a função da pintura enquanto instrumento de

problematização e ampliação hermenêuticas. Consequentemente, aborda-se, num primeiro momento, a função específica do conceito de *gaze*, a partir do qual se introduz a dimensão do jogo, e, em momentos subsequentes, os diálogos específicos com Caravaggio, El Greco e Francis Bacon, através dos quais João Botelho insinua uma pedagogia da imagem.

Palavras-chave: Diálogos interartes, Pintura, Literatura, Cinema, Espaço, Tempo, *Gaze*

entrevista	117
Entrevista a Vasco Araújo	119
JORGE VAZ DE CARVALHO	
recensões	127
Daniela Agostinho, Elisa Antz, Cátia Ferreira (eds.), <i>Panic and Mourning – The Cultural Work of Trauma</i>	129
(STEFFEN DIX)	
a ler sobre o tema	135
montra de livros	143
agenda	151
abstracts	155
próximos números	161
normas para o envio de artigos e recensões	164

EDITORIAL

Arte e Poder*

JORGE VAZ DE CARVALHO **

Práticas estéticas do pensamento humano, as artes interagem, inevitavelmente, mesmo quando os criadores se pretendem neutros, com o dinamismo dos poderes individuais e institucionais. Sabemos bem como estes usaram as diversas expressões artísticas, ao longo da História, como substância fundamental da sua afirmação – o que não deixa de revelar o apreço com que os poderes económico, político e religioso reconheceram à arte, além de utilidade, um certo *poder*.

Os criadores demoraram séculos a conquistar a sua autonomia (quanto lutou o génio de Mozart por conquistar a liberdade que Beethoven mais tarde pôde alcançar), e não deixam de trabalhar amiúde para esses poderes sem que, nos casos maiores, tal signifique um prejuízo da qualidade intrínseca da sua obra. Quantas vezes o artista, por convicção ou sobrevivência, se empregou ao serviço de um programa religioso (os planeadores e ornamentadores de edifícios sacros, compositores como Palestrina), político (o *Moisés* de Michelangelo, ou *Triunfo da Vontade*, de Leni Riefenstahl), económico (a rica vaidade pessoal dos encomendadores de retratos e paisagens) ou ideológico (*A Flauta Mágica*,

* O autor escreve de acordo com a ortografia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

** Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa; investigador do CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.